

AS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Jederson Garbin Tenório¹
Cinthia Lopes da Silva²

RESUMO:

O presente estudo busca conhecer as diferentes práticas corporais indígenas e refletir sobre sua aplicação nas aulas de educação física. No Brasil, vivem atualmente cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, possuindo 180 línguas diferentes, sendo uma fonte de pesquisa ainda pouco explorada na área de educação física e educação. Os costumes, crenças e rituais indígenas são conhecimentos a serem trabalhados na escola, levando em conta que os hábitos e valores desses povos possuem raízes próprias, diferentes das dos grupos sociais não indígenas. A cultura corporal indígena constitui um universo de valores e significados que são desconhecidos no contexto das sociedades capitalistas e pode ser ressignificada pela prática pedagógica intercultural à medida que esta viabilizar aos alunos o conhecimento dos diferentes grupos sociais. Como procedimentos metodológicos, foi realizada revisão de literatura, tendo como base as ideias de Severino (2007). Como resultado, foi possível constatar que a inclusão das práticas corporais indígenas nas aulas de Educação Física escolar: 1) constitui um enriquecedor repertório a ser explorado no ambiente escolar como conhecimento a ser compreendido e ressignificado; 2) contribui para a minimização de preconceitos sociais e 3) é uma contribuição para a ampliação e diversidade de conteúdos de ensino nessas aulas.

Palavras-chave: Práticas Corporais Indígenas. Educação Física Escolar. Educação Intercultural. Jogos.

ABSTRACT:

This study seeks to identify the different indigenous body practices and reflect on its application in physical education classes. In Brazil, nowadays live about 460 thousand indians, distributed among 225 indigenous communities, having 180 different languages. They constitute an underexplored source for doing research on education related areas. The habits, creeds and indigenous rituals are knowledge to be worked on school, taking in consideration that the habits and values from these people have their own origin, different from social groups that are not indigenous. The indigenous culture body is a universe of values and meanings that are unknown in the context of capitalist societies and can be re-signified by the pedagogic intercultural practice, as this enables students to gain knowledge of different social groups. The methodological procedure constituted of literature review, based on the ideas of Severino (2007). As a result, it was concluded that the inclusion of indigenous body practices in school physical education classes: 1) it is an enriching repertoire to be explored in the school environment as knowledge to be understood and reframed, 2) contributes to the minimization social prejudices and 3) it is a contribution to the expansion and diversity of content of teaching in these classes.

Keywords: Body Practices Indigenous. School Physical Education. Intercultural Education. Games.

INTRODUÇÃO

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-Graduação em Educação Física Escolar pela UFMT. É professor da educação básica na rede municipal. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC) – UNIMEP/SP.

² Graduada em Educação Física pela UNICAMP. Mestre e Doutora em Educação Física - pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, com doutorado sanduíche na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. É professora da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e na pós-graduação (Mestrado em Educação Física).

Os costumes, crenças e rituais indígenas são conhecimentos a serem trabalhados na escola, levando em conta que os hábitos e valores desses povos possuem raízes próprias, diferentes das dos grupos sociais não indígenas. No Brasil, vivem atualmente cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, possuindo 180 línguas diferentes, sendo uma fonte de pesquisa ainda pouco explorada na área de educação física e educação.

A temática indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar e constitui um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente no ambiente escolar. Além disso, propõe uma melhor convivência e diálogo entre os diversos grupos sociais, objetivando uma tendência de educação intercultural.

Nesse sentido, é relevante a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, no sentido de nos revelar uma possibilidade pedagógica ainda pouco explorada para a educação física escolar, disciplina que necessita de mudanças em sua prática pedagógica simbolizada como prática de esportes competitivos.

As brincadeiras, jogos e rituais de danças indígenas constituem um vasto repertório da cultura corporal a ser desenvolvido e contextualizado no ambiente escolar, sendo uma contribuição para o contato com um universo de valores e significados que são desconhecidos no contexto das sociedades capitalistas.

Como procedimentos metodológicos, foi realizada revisão de literatura referente ao tema das práticas corporais indígenas como conteúdo das aulas de Educação Física escolar e análises textual, temática, interpretativa, tendo como base as idéias de Severino (2007). O levantamento das publicações científicas foi realizado pelos *sites* do Ministério do Esporte e do *google* acadêmico, viabilizando a construção de um diálogo acadêmico baseado em Fassheber (2010), Pinto (2007), Grando

(2010), Cruz de Oliveira e Daolio (2011), Corrêa (2010), dentre outros autores.

A seguir, procuramos justificar a necessidade de abordarmos a questão das diferenças nas aulas de educação física e no ambiente escolar e, posteriormente, apresentamos exemplos de jogos e brincadeiras indígenas encontrados na literatura.

O LIDAR COM AS DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS JOGOS E BRINCADEIRAS COMO POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Ao longo de algumas décadas, as aulas de educação física eram pautadas em uma visão de corpo e de ser humano exclusivamente biológica. Essa tradição da área priorizava o desenvolvimento da aptidão física dos sujeitos.

Nesse processo, a tarefa do professor não será a de propiciar a todos as mesmas oportunidades de acesso à cultura de movimento, mas a de descobrir os alunos biologicamente bem dotados, burilá-los, a fim de que tenham oportunidades de chegar às equipes esportivas representativas da escola ou mesmo fora dela (DAOLIO, 1996, p. 41).

O desempenho e a participação dos alunos eram avaliados do ponto de vista de suas semelhanças biológicas, sendo desconsideradas as diferenças culturais e sociais, existentes entre os educandos. Segundo Cruz de Oliveira e Daolio (2011, p. 5), antes da queda do período militar, as características das aulas eram destacadas dessa forma:

[...] a ênfase recaía na repetição de exercícios físicos, de maneira que as técnicas corporais, tratadas de forma instrumental, pudessem ser executadas corretamente pelos alunos e se aproximassem do gesto técnico dos esportes de competição.

A partir da década de 1980, alguns estudiosos da área de Educação Física foram fazer

seus cursos de mestrado e doutorado em disciplinas relacionadas às Ciências Sociais e Humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia etc. Com isso, houve um aumento do debate acadêmico na área e a introdução do conceito de cultura corporal como base para identificar a especificidade da Educação Física.

Mesmo que estas reflexões sejam pertinentes entre estudiosos da educação física escolar e, embora nas últimas décadas tenha ocorrido um crescimento da produção acadêmica e o conseqüente surgimento de abordagens preocupadas com novas metodologias e diversificação de conteúdos que propõem revisão do modelo tradicional, na prática, esse conhecimento não tem chegado às escolas: “de fato, os debates acadêmicos e a produção científica na área têm crescido significativamente na última década, sem, no entanto, conseguir transformar a prática escolar de 1º e 2º graus” (DAOLIO, 1996, p. 40).

A educação física escolar, atualmente, tem sido caracterizada como sinônimo de prática de esportes, tendo como referência o modelo de esporte de alto rendimento. As aulas que deveriam contemplar os vários elementos da cultura corporal acabam por reforçar os valores que predominam no sistema capitalista como o individualismo, a competição e a concorrência, que se encontram de forma sintética no esporte.

Sem poder me alongar neste ponto, diria que vários foram os interesses que pressionaram neste sentido, entre eles os interesses do próprio sistema esportivo com o objetivo de socializar consumidores e produzir futuros e potenciais atletas. Aliado ao sistema esportivo, na maioria dos casos, foram os estados, o poder público, que se colocou como tarefa intervir no sentido de que a nação, o estado ou o município fosse bem representado nas disputas esportivas nos diferentes níveis (BRACHT, 2000, p. 18).

O esporte de alto rendimento privilegia poucos indivíduos e exclui a maioria dos

alunos que não conseguem obter êxito na realização do gesto técnico específico das modalidades esportivas. Nesse sentido, a prática pedagógica da educação física necessita ser redimensionada para contribuir com questões relevantes no ambiente escolar, tais como: respeito, solidariedade e participação. Dessa forma, é fundamental uma intervenção que oportunize aos educandos o contato com conteúdos que possibilitem uma ação compartilhada em que sejam consideradas as diferenças culturais.

Oportunizar a compreensão de que as diferenças fazem parte do contexto em que a humanidade está inserida é tarefa dos educadores, de modo a viabilizar que o educando aprenda com o outro pela troca de saberes, possibilitando encarar o diferente como algo não inferior, mas uma possibilidade de ser Humano. Segundo Pinto (2008), o interculturalismo considera as diferenças humanas como oportunidade de percebermos a riqueza que existe entre os diversos grupos culturais.

Levar os educandos a compreenderem estas diferenças como algo comum entre os seres humanos é fundamental em qualquer espaço de convivência, é tarefa relevante e complexa, e, sobretudo, valiosa do ponto de vista da interculturalidade. Conforme Cruz de Oliveira e Daolio (2010, p. 161):

Atualmente, endossar a valorização e o respeito às diferenças na educação e na EF parecem não causar mais tanta resistência. No entanto, é preocupante imaginar que o cenário escolar ainda encontra-se permeado por concepções que tangenciam certos ranços naturalistas que, ao serem sinalizados nesta pesquisa, alcançam proporções que deflagram preconceitos, sectarismos e desigualdades de oportunidades.

Nesse sentido, os jogos e brincadeiras indígenas, ao serem considerados como conteúdos da Educação Física escolar, fundamentados na perspectiva intercultural, poderão viabilizar aos educandos um ambiente

de socialização e um aprendizado de respeito às diferenças sociais, considerando o contexto cultural de que os sujeitos fazem parte. O jogo possibilita a construção da realidade pelos sujeitos que participam da ação, sendo a criatividade e a imaginação elementos presentes na dinâmica do jogar. A criança apreende com o outro, no convívio, por meio de seus costumes, seus hábitos, seus modos de encarar as situações que emergem para a resolução de problemas e, dessa forma, pode vivenciar elementos de culturas diferentes, o que é algo muito relevante para a formação integral dos educandos. De acordo com Cruz de Oliveira (2007), a educação física, baseada em pressupostos interculturais, preocupa-se em diversificar os conteúdos pedagógicos, tentando estabelecer uma relação entre diversidade cultural e prática educativa.

É de grande relevância o resgate de jogos e brincadeiras na educação e no processo de socialização, pois brincando e jogando os alunos estabelecem vínculos sociais, de modo a inserir-se no grupo e aceitar a participação de outros educandos, sem se preocupar de forma excessiva com a vitória a qualquer custo.

[...] o conhecimento de diferentes regras de jogos, de modalidades novas de brincadeiras, aliadas a outras já conhecidas em seus contextos indígenas de origem, são estratégias importantes de interculturalidade e apontam para possibilidades de aprendizagem de outras regras sociais e valores culturais embutidos nos currículos escolares (TASSINARRI, 2010, p. 12).

No jogo, a criança e o jovem, assim como o adulto, cultivam a fantasia, vivenciam a amizade e a solidariedade, em diálogos que emergem potencialidades e conflitos, na busca por uma boa convivência entre os envolvidos. Os jogos e brincadeiras podem ser utilizados como importante conteúdo da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas de educação física, viabilizando o ensino e aprendizagem a

partir de uma linguagem que atende as características das crianças e jovens, explorando seu potencial crítico e criativo, no sentido de levar os alunos a vivenciarem práticas sociais que sejam significativas e que os desafiem a conhecer novas formas de se movimentar. Conforme Cruz de Oliveira e Daolio (2010, p. 162):

Neste sentido, a educação intercultural pronuncia-se. Tais pressupostos caminham na direção do entendimento de que existem diferenças e que estas, necessariamente, devem compor o quadro de aprendizagem do educando, proporcionando o contato com o "outro", com o "diferente" e que com ele estabeleça um diálogo profícuo e mútuo, no qual as possibilidades não se encerram a partir de uma única visão.

A escola pode preconizar a participação e o respeito, por meio das vivências de práticas corporais diversificadas, de modo que possa contemplar todos os alunos, respeitando suas diferenças culturais. Queremos, dessa forma, que o espaço das aulas de educação física se configurem em um ambiente propício para a reflexão acerca das diferenças existentes entre os indivíduos e, além disso, que as situações emergidas durante o desenvolvimento das atividades sirvam como oportunidade para a melhoria da convivência entre os educandos, dessa maneira, contribuindo para a formação integral dos alunos e promovendo a criticidade sobre os valores sociais.

PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS: APROXIMAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As brincadeiras e jogos indígenas constituem um vasto repertório da cultura corporal a ser desenvolvido e contextualizado no ambiente escolar, sendo uma contribuição para o contato com um universo de valores e significados que são "esquecidos" no contexto das

sociedades capitalistas. Segundo Rocha Ferreira (2005, p. 3):

Atualmente, com o reconhecimento, ainda que tardio, da riqueza das culturas dos povos indígenas, que fazem parte da construção da cidadania brasileira, incentiva-se a retomada desses jogos tradicionais e sua re-significação no contexto da atualidade.

A temática da educação escolar indígena adquiriu importância acadêmica, compondo um campo de saber interdisciplinar, com um volume crescente de pesquisas realizadas e resultados compartilhados (ALBUQUERQUE, 2010, p. 2).

O professor de Educação Física, ao trabalhar as práticas corporais indígenas em suas aulas, poderá viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento dos povos indígenas, as práticas corporais que esses povos realizam como seus jogos, brincadeiras e danças. O termo práticas corporais, aqui abordado, estabelece relação com as ciências humanas e sociais, sendo manifestações humanas construídas historicamente e que fazem parte do cotidiano de determinada sociedade que, por sua vez, possui uma determinada cultura. Segundo Lazzarotti Filho et. al. (2010, p. 24):

De maneira geral, nota-se que o termo “práticas corporais” vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo. [...] Estes movimentos ou atividades vão desde as mais tradicionais (práticas adestradoras: precisas e sistematizadas de marcante caráter racional e higiênico; competitivas: práticas corporais mais remotas), até as ressignificadas, indicando ou não uma relação com a Educação Física (práticas corporais diárias; cotidianas; humanas; na matemidade; de diferentes culturas e ocidentais e orientais).

Podemos, portanto, considerar práticas corporais, em um conceito amplo, as diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais. Importante, nessa perspectiva, é compreender/conhecer os significados que os indivíduos atribuem à prática que realizam. O intuito da Educação Física, como disciplina escolar, é levar os indivíduos a adquirirem autonomia necessária que contribua no processo de construção da sociedade, distinguindo-se do significado de aptidão física atrelado às ciências biológicas.

O reconhecimento da pluralidade, ou seja, da diversidade das vivências lúdicas, abre um caminho educativo relevante para o entendimento das diferenças entre os sujeitos. O espaço que reservamos aos grupos que julgamos dentro dos padrões aceitáveis é definido por um conjunto de ideias e de relações que se expressam no nosso dia-a-dia. Possibilitar a reflexão de que as diferenças constituem a especificidade do ser humano é uma significativa tarefa do educador.

A partir do conhecimento das brincadeiras de crianças, é possível verificar as práticas corporais de uma determinada sociedade (SOARES, 2010). Pensar em jogos e brincadeiras como conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física é viabilizar o ensino e aprendizagem a partir de uma linguagem que atende às especificidades das crianças, explorando seu potencial criativo. Como afirma Freire (1997, p. 19), “[...] o que a criança melhor sabe fazer na vida é brincar”. O lúdico é visto como contrário de obrigação, pois mobiliza os sujeitos a realizarem a tarefa de maneira prazerosa, com diversão, com maior facilidade, sendo uma dimensão humana. De acordo com Pinto (2007, p. 173):

As brincadeiras não são inatas. Pressupõem aprendizagem social que acontece nas descobertas diárias, na família, no lazer, na escola, no trabalho. As lembranças lúdicas são expressas pela totalidade do corpo. Daí destacamos que o lúdico é uma vivência plural.

Por meio do jogo, na perspectiva lúdica, existe a interação com outros materiais, espaços, regras construídas e recriadas pelo grupo, possibilitando diferentes formas de jogar que permeiam a socialização do grupo, com o intuito de construir conhecimento.

O jogo – e não somente aqueles oriundos da cultura indígena, mas de vários contextos e sociedades – pode ser utilizado como um relevante conteúdo da cultura corporal, com o objetivo de desafiar os alunos a conhecerem diversas maneiras de se movimentar, além de ser uma vivência compartilhada, visto que os participantes que brincam são motivados a formar grupos comprometidos em realizar uma tarefa.

Segundo Grando, Xavante e Campos (2010, p. 92):

O jogo, como um saber a ser vivenciado coletivamente na escola, contribui para desenvolver as possibilidades de a criança criar novas formas de compreender sua realidade sócio-cultural, seu grupo social, a sociedade onde vive, outros povos e outras possibilidades de viver coletivamente.

O lúdico é uma contribuição para o contato com um universo de significados que precisam ser valorizados, e o resgate desta dimensão humana nas aulas possui a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver a convivência social da melhor forma possível. Podemos dizer que o brincar se aprende nas relações sociais e nas diversidades dos espaços compartilhados na comunidade.

Dependendo da complexidade da atividade, a situação lúdica atrai a atenção da criança na execução do exercício de forma satisfatória. Brincando, a criança encontra muitos desafios e descobre formas de enfrentar estes mesmos desafios com atitudes de superação presentes na própria ação de quem brinca. Os jogos e brincadeiras, conteúdos da educação física escolar, possibilitam aos envolvidos no

processo de ensino e aprendizagem apreender conhecimentos que emergem do próprio brincar e é geralmente uma atividade facilmente compreendida, pois o lúdico não é visto como obrigação e sim como satisfação para quem o vivencia.

Diante disso, os jogos e brincadeiras indígenas podem estabelecer uma relação com a Educação Física escolar, com o intuito de promover conhecimento e respeito às diferenças etnoculturais (CORRÊA, 2010 p. 1). Os educandos, ao vivenciarem as práticas dos povos indígenas e conhecerem a forma como esses povos vivem, podem reconstruir os conceitos existentes sobre esta população.

Entendemos que muitos jogos, brincadeiras e danças dos povos indígenas são manifestações humanas que não foram esportivizadas e, justamente por não serem permeadas pela ideologia capitalista, devem servir de base para a utilização e reflexão no ambiente escolar. Conforme as palavras de Huizinga (1980, p. 33):

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

O acesso dos sujeitos ao elemento da cultura corporal poderá contribuir para que o mesmo seja transmitido de geração para geração, não perdendo suas características e identidade com o passar do tempo. Outro aspecto, também necessário de ser considerado, é que há poucos estudos no meio acadêmico acerca das práticas corporais indígenas, como sinaliza Fassheber (2010, p. 75) ao se referir aos povos indígenas:

[...] infelizmente, a literatura disposta não é das mais ricas em dados etnográficos. Em todo o mundo, parece que os cien-

tistas sociais negligenciaram por muito tempo as descrições das práticas de jogos tradicionais, principalmente no Brasil.

De qualquer modo, ainda que seja reduzida a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, o que dispomos sobre danças, jogos e brincadeiras, presentes na cultura indígena, apresenta-se como um rico conhecimento a ser trabalhado nas aulas de educação física.

Exemplos de jogos e brincadeiras indígenas

Por meio de alguns autores que se dedicaram a estudar a temática da cultura corporal indígena, encontramos alguns jogos e brincadeiras, cuja aplicabilidade nas salas de aula foi analisada em nossa pesquisa.

A seguir, descrevemos algumas destas brincadeiras, segundo levantamento de professores-pesquisadores, que as descobriram por meio de pesquisas etnográficas ou entrevistas junto a educadores indígenas durante cursos de formação.

Corrêa (2010) realizou um trabalho sobre jogos e brincadeiras do povo Kalapalo³, junto a estudantes da cidade de São Carlos-SP, na faixa etária de 8 a 9 anos. Dentre os 25 jogos e brincadeiras daquela etnia catalogados no SESC, os educandos vivenciaram apenas seis, que são os seguintes: a) Kopü Kopü: é jogada com um objeto feito de palha de milho e folhas, brincadeira conhecida pelas crianças não indígenas por peteca, que consiste em golpear o objeto para cima e, quem erra, é castigado com cócegas feitas pelos outros membros da equipe; b) Ukigue Humitsutu: é uma prova de resistência em que cada jogador corre, sem respirar, até onde consegue; c) Heiné Kuputisu: o corredor corre em um pé só cerca de 100 metros de distância; d) Emusi: é uma espécie de

pega-pega; e) Oto: dois amigos deitam no chão frente a frente em posição invertida, seguram-se mutuamente pelos tornozelos com ambas as mãos e rolam pelo chão no interior da casa; f) Hagaka: disputa em que se usa uma flecha longa, e o objetivo é acertar o oponente na perna.

Obviamente, as atividades aqui citadas podem ser experimentadas, mas não podemos deixar de refletir com o grupo de alunos quais são os significados para os indígenas dessas brincadeiras, entendendo por que realizam tais jogos e brincadeiras. Desta maneira, o grupo se fortalece nesse espaço privilegiado de diálogo e interação, possibilitando o confronto de ideias entre os que brincam.

A temática da diversidade etnoracial é um assunto pouco ou quase nada abordado nas tendências pedagógicas da Educação Física. No entanto, se os esforços do campo acadêmico tentam mudar o paradigma tradicional da área, que está atrelado aos esportes, os jogos e brincadeiras indígenas constituem, a nosso ver, uma proposta relevante na medida em que tem relação com outras áreas do conhecimento, sendo possível a experiência de movimentos variados e a busca por uma melhor convivência entre os diferentes grupos socioculturais nas atividades escolares.

Em 2004, na cidade de Barra do Bugres (MT), as professoras Beleni Grando e Severiá Idiorié Xavante ministraram a disciplina de Educação Física em um curso de Licenciatura da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), "3º grau indígena", ocasião em que aproveitaram a oportunidade para obter dados de professores de diferentes etnias e territórios indígenas, de acordo com determinada idade e memória dos entrevistados que faziam parte do processo de formação pedagógica. Destaque-se que os índios mais jovens, devido ao maior contato com a cultura de outras comunidades não indígenas e ao acesso à televisão, tendem a valorizar a cultura lúdica dos povos "brancos". Como se trata de uma descrição

³ A etnia Kalapalo habita a aldeia Aiha, localizada na Terra Indígena do Xingu, Mato Grosso.

ampla, iremos citar apenas algumas delas, de acordo com a facilidade de compreensão, para que seja possível a sua abordagem no ambiente escolar.

Os Bororo da Aldeia Podore relataram que, dentre outras coisas, brincavam de bolitas, flechas, peteca. Os Bororo da Aldeia Tadarimana brincavam com bodoque, arco e flecha, pulavam com varas, brincavam de faz de conta etc. (p. 95).

Na etnia Xavante, foram pesquisadas em diversas aldeias as seguintes brincadeiras: a) Tomoti (é a disputa entre as crianças, para ver quem consegue fazer seu pião de tomoti girar por mais tempo), b) forquilha de pau (é traçado um círculo, onde os participantes dos dois grupos encaixam suas forquilhas e empurram uns aos outros para tentar tirá-los do espaço demarcado), c) marimbondó com ninho (é uma espécie de pega-pega, a diferença é no faz-de-conta: marimbondó é o pegador, os outros participantes são as presas), d) pular cordas, e) HO,O,O,ORE (dança em que as pessoas saem de duas filas, uma de frente da outra, cantando, devagarzinho; ao chegar perto, a dança de passo era repetida três vezes olhando um para o outro; então, cada um pega na mão do outro, cumprimentando e abraçando) (GRANDO, 2010, p. 101-104). Como relatado acima, podemos perceber que, em muitas dessas brincadeiras, existem semelhanças com aquelas do universo não indígena; no entanto, precisamos compreender que o significado dessas práticas para os indígenas é diferente do nosso. Por exemplo, nos grupos indígenas não há a divisão entre tempo de trabalho e tempo de lazer. O lúdico está presente em todas as atividades que realizam. Segundo Almeida e Suassuna (2010, p. 59):

Os jogos, as danças e as brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura contribuindo para a constituição identitária da pessoa indígena.

Na Educação Física escolar, oportunizar o acesso dos alunos a esses conteúdos da cultura corporal indígena e não indígena significa levá-los a perceber as diferenças entre estes universos. Na verdade, as características sociais permeiam nossa cultura lúdica popular, transmitindo significados para quem joga, contribuindo para que ocorra a continuidade de determinados valores, definindo a identidade de um grupo e de um povo.

A etnia Baniwa vive no Amazonas, no território Assunção do Içana, e possui uma infinidade de práticas corporais; algumas delas possuem identificação com grupos sociais não indígenas. Dentre as brincadeiras citadas pelos entrevistados estão:

[...] onça e cutia, caiu no poço, tapuchuca (cabra-cega), balanço de cipó, gato e rato, ciranda-cirandinha, esconde-esconde, jogo do palito, brincadeira da abelha, avião (feito de folha de coco, realizada apenas no período da Páscoa) etc. (GRANDO, XAVANTE e CAMPOS, 2010, p. 82).

Albuquerque (2010) realizou um trabalho junto a professores indígenas que participaram de um projeto de formação de educação escolar indígena, sobre jogos e brincadeiras que fazem parte de algumas etnias do Acre:

Os Asheninka⁴ brincam de arco e flecha, peteca (txotaki) e bilboquê c/cabeça de tartaruga. Realizam corridas na praia. Utilizam como brinquedos bonecas de barro, madeira e cipó. Fabricam utensílios (para brincar de casinha) feitos com cipó (cestas, paneiros) e madeira (gamelas). Fazem animais de barro, madeira (pássaros, peixes, canoinhas, pião, etc.), palha (peteca e pião) e jogam pião (ALBUQUERQUE, 2010, p. 15).

Os Kaxinawá⁵ fazem pintura corporal, brincam de casinha e comidinha, fazer cócegas, imitam animais, realizam

⁴ Povos indígenas que vivem no Peru e no Brasil (Estado do Acre).

⁵ Povos indígenas que vivem no Peru e no Brasil (Estado do Acre).

diversas brincadeiras na lama, fazem sons e movimentos em roda, brincam de arco e flecha, fazem cata-vento com folhas e espinhos de palmeira, utilizam como brinquedo bonecas de barro, sabugo de milho, fazem canoinhas, remos, pássaros, peixes e apitos de diversos tipos de madeira (ALBUQUERQUE, 2010, p. 16).

Cabe aqui uma indagação que julgamos relevante, como educadores: com que frequência utilizamos como material pedagógico – petecas, bolitas, piões, bодоques, flechas – e levamos nossos alunos a explorar suas diversas formas de brincar? Não seria enriquecedor para as aulas de Educação Física rever a tradição de trabalhar somente com bolas de futebol, vôlei ou basquete?

Soares (2010), da Universidade do Amazonas, pesquisou brincadeiras em algumas localidades Tikunas, povos indígenas que se localizam na região do Alto Rio Solimões, no Estado do Amazonas, e verificou as seguintes brincadeiras:

[...] cabas, gavião e galinha, melancia, tucuxi, curupira, (brincadeiras semelhantes à finalidade do pega-pega, só mudando algumas características do faz-de-conta), vida (conhecida por nós como queimada), sol e lua (disputa que exige o uso da força onde dois grupos dispostos em coluna, um de frente com o outro, tem que puxar o outro, sendo que os dois competidores da frente dão as mãos e os outros se seguram na cintura de quem está à frente), briga de galo (disputa entre dois participantes que devem se apoiar em apenas uma das pernas tentando desequilibrar o outro, empurrando com o ombro) pião, bola de gude com bolinha de barro etc. Segundo a professora: ‘em geral, as crianças gostam mesmo é de brincar na água, subir nas árvores, bailar passarinhos e jogar bola’ (SOARES, 2010, p. 1-3).

Vale frisar que as práticas aqui apresentadas são consideradas como conteúdos a serem

desenvolvidos nas aulas de educação física escolar, de modo a viabilizar aos alunos novas experiências de movimento.

Quando brinca, o índio assume certos papéis trazidos de seu contexto sociocultural. As práticas corporais, nas sociedades indígenas, constituem bens culturais que refletem suas tradições e comportamentos. Por exemplo, as lutas corporais objetivam preparar o corpo indígena para combates e outras tarefas que exigem força física (ALMEIDA e SUASSUNA, 2010).

O trabalho com a cultura corporal indígena – sobretudo seus jogos e brincadeiras nas aulas de EF escolar – contribuem para que os alunos não indígenas tenham acesso a esse conhecimento, de modo a compreender os povos indígenas a partir de sua particularidade cultural, desmistificando a visão do senso comum de que o índio seria um ser mais “natural” e menos cultural quando comparado a outros grupos sociais.

A escola é o espaço fundamental para que seja estabelecido o diálogo a respeito dos grupos raciais que são marginalizados. Refletindo sobre as causas e fatores que contribuem para o ocultamento da identidade indígena na escola e até mesmo na sociedade, pensamos que seria necessária uma mobilização para a construção de uma prática escolar preocupada com a interculturalidade, sendo a sala de aula o ambiente privilegiado para a discussão das diferenças, onde questões culturais fariam parte do universo dos estudantes. Segundo Cruz de Oliveira e Daolio (2011, p. 4):

[...] a educação intercultural calca seus pressupostos, os quais apontam, não somente, para existência das diferenças, mas também para seu alcance com a aprendizagem, fazendo com que o educando apreenda o conhecimento do outro, do diferente e com ele estabeleça um diálogo profícuo e mútuo, no qual as possibilidades não se encerram a partir de uma única visão.

Por meio da educação intercultural, objetiva-se o estabelecimento do diálogo entre culturas diferentes e a troca entre diversos grupos, cuja identidade cultural está em permanente construção. Possibilitar reflexões que permitam buscar outros olhares no campo das identidades, culturas e relações de poder contribuem para o desenvolvimento de uma escola que seja um local de negociação das identidades e das diferenças.

O acesso à diversidade das expressões corporais dos povos indígenas poderia, nesse sentido, ser um meio de minimizar preconceitos e compreender o índio como um ser social que está inserido em uma dinâmica cultural distinta dos outros grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo, foi possível concluir que temos muito a aprender com as práticas corporais indígenas tradicionais e podemos ressignificá-las no ambiente escolar nas aulas de educação física. Esta temática diz respeito a um assunto emergente e faz parte de um currículo intercultural preocupado em valorizar diferentes grupos sociais na busca de uma sociedade democrática.

A abordagem da temática etnocultural é um conhecimento a ser explorado nas aulas de Educação Física escolar, podendo ser adotado como conteúdo de ensino dessa disciplina.

Os jogos e brincadeiras indígenas pesquisados constituem um relevante conhecimento a ser explorado no ambiente escolar e poderão contribuir para o acesso dos elementos da cultura corporal indígena pelos educandos.

Este trabalho constitui um material de cunho reflexivo, que sugere a busca de estudos por parte dos educadores sobre jogos e brincadeiras indígenas para aplicação nas aulas de Educação Física escolar, e vincula-se a conhecimentos que estão em processo de desenvolvimento. Compreende-se que esse caminho poderá viabilizar a minimização de preconceitos

entre indígenas e não indígenas, além de propor a revisão de conceitos nas aulas de educação física escolar.

Referências:

ALBUQUERQUE, M. do S. C. de. A Educação Física no Projeto de Autoria da Comissão Pró-Índio do Acre. In: GRANDO, B. S. (Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 61-88.

ALMEIDA, A. J. M. de; SUASSUNA, D. M. F. de A. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.4, p. 53-71, out/dez, 2010.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v.6, n.12, p. 14-24, jan/jun, 2000.

CORRÊA, D. A. Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital**. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 02 de set. 2010.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.2, p. 1-11, mai/ago, 2011.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.1, p. 149-167, jan/mar, 2010.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J.. Educação Física e diversidade cultural: um diálogo possível. **Conexões: revista da Faculdade de educação física da UNICAMP: Campinas**, v.5, n.2, p. 19-30, jul/dez, 2007.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educ. Fís.**, São Paulo, v.10, n.2, supl.2, p. 40-42, 1996.

FASSEBER, J. R. M. **Etno - desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010. 156 p.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4. edição. São Paulo: Scipione, 1997. 224 p.

GRANDO, B. S.; XAVANTE S. I.; CAMPOS N. da S. Jogos/Brincadeiras Indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO, Beleni S.(Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 89-122.

GRANDO, B. S.(Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. 150 p.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980. 122 p.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo “práticas corporais” na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n.1, p. 10-29, jan/mar, 2010.

PINTO, L. M. S. de M. Vivência lúdica no lazer: humanização pelos jogos, brinquedos e brincadeiras. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 171-193

PINTO, L. M. S. de M. Lazer e Educação: desafios da atualidade. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e Sociedade**. Campinas: Alínea, 2008. p. 45-62.

ROCHA FERREIRA, M. B. Jogos e Esportes em Sociedades Indígenas: Kaingang e Kadiwéu. Lab. Antropologia Bio-cultural – DEAFA – FEF – UNICAMP. Apresentado na VI Semana de Alfabetização – Alfabetização e Desenvolvimento Humano Educação de Jovem e Adulto “EJA e Cultura Local”, São Paulo, 2005.

SEVERINO, A. **Metodologia Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOARES, A. Brincadeiras e jogos da criança indígena da amazônia: algumas brincadeiras da criança tikuna. **Fac. da Universidade de Educação Física de Amazonas – Brasil**. Disponível em: <http://www.motricidadeonline.com>, acesso em: 05 de setembro de 2010.

TASSINARI, A. Prefácio. In: GRANDO, Beleni S.(Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 7-10.

